

AGRESSÃO À NATUREZA

Kátia Marsicano
Da equipe do *Correio*

A Administração Regional de Taguatinga tem cinco dias para apresentar ao Instituto de Ecologia e Meio Ambiente (Iema) o projeto de recuperação de uma área na Colônia Agrícola Samambaia onde, há cerca de dois meses, estão sendo despejados diariamente caminhões e mais caminhões de entulho para conter uma imensa erosão (cratera) entre as chácaras 147 e 149. Na tarde de segunda-feira, técnicos do Iema autuaram a administração por não haver consultado o instituto, que é o responsável pelo licenciamento ambiental necessário em casos como esse.

Segundo o diretor do Iema, Fernando Fonseca, despejar entulho em áreas degradadas não garante a solução do problema, até porque nesse mesmo local, além da grande quantidade de madeiras, tijolos, telhas e restos de construção (tudo isso no meio da lama), há bastante lixo. Duas nascentes do córrego Samambaia e parte do lençol freático descoberto pela erosão podem estar comprometidos pelas constantes enxurradas de garrafas plásticas, latas, papelões e centenas de cascas de cocos verdes.

"Do jeito que está não há dúvidas de que o córrego Samambaia corre risco de assoreamento", alerta Fonseca. E chama a atenção para o que ocorreu com o Lago Paranoá por causa do despejo

Jorge Cardoso



Caminhão traz o entulho e um trator da Administração de Taguatinga o espalha no local da erosão na Colônia Agrícola Samambaia

de lixo e entulho. "Entre 1964 e 1991, o lago diminuiu o correspondente à área de 213 campos de futebol", comenta. O córrego Samambaia é um dos afluentes do córrego Vicente Pires, que por sua vez vai para o Riacho Fundo e compõe a bacia do Paranoá. Hoje, o córrego Riacho Fundo tem preocupado bastante técnicos e

ambientalistas pelo avançado estado de degradação.

BICHO MORTO

Para quem mora na Colônia Agrícola Samambaia, onde durante anos esteve a gigantesca cratera, agora quase recoberta de pedaços de tudo, a solução da administração regional tem seus

prós e contras. O fato é que nem todo mundo parece se preocupar com o que está acontecendo. As opiniões se dividem e provocam desentendimentos até entre vizinhos antigos.

O funcionário público Régis Peres Alvim conta que, desde a liberação do despejo de entulhos na rua que separa as duas cháca-

ras, muita gente começou a se aproveitar da situação. "Até caminhão de coco vem para cá. Tem de tudo — inclusive bicho morto. E os ratos já estão aparecendo", reclama. Diariamente, um trator da administração vai ao local para compactar os montes de entulho deixados por quatro empresas de Taguatinga.

No primeiro lote da rua, na chácara 149, um eucalipto ameaça cair na rede elétrica, também por conta da erosão. O proprietário, Gilvan Santos, teme que a árvore não resista a mais uma chuva forte. Ao lado da casa, desemboca toda a água canalizada por uma das manilhas que captam a enxurrada que desce do setor QNA pelo Pistão Norte até a colônia. As manilhas foram instaladas pela própria comunidade.

"Para mim, isso foi uma obra divina, uma mão santa que olhou por nós", gesticulava outro morador. Para o comerciante Paulo Eustáquio Costa, não há do que reclamar. A casa dele é uma das mais próximas à beira da erosão.

O administrador de Taguatinga, Valdemar Aguiar, calcula que desde setembro, quando o problema foi identificado, mil caminhões de entulho já foram despejados no local. Ele diz que o projeto de recuperação da área teve assistência de profissionais especializados no assunto. Na Novacap, a assessoria de imprensa garante que a orientação não foi dada por ninguém da empresa.

Com a autuação da administração regional, o Iema pretende avaliar a situação, só que desta vez sob a ótica dos impactos ambientais, a partir dos quais será elaborado o Plano de Recuperação de Área Degradada, com a identificação dos agentes causadores da erosão. "Mas ao que tudo indica, a responsável foi a ocupação desordenada", avalia Fernando Fonseca.